

# A FORMAÇÃO DE JOVENS FUTEBOLISTAS ALÉM DAS QUATRO LINHAS: UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA DOS TÉCNICOS DE BRASIL E PORTUGAL<sup>1</sup>

**Thaynara do Prado Szeremeta**

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

**Juan Henrique Szmyczac Conde**

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

**António José Barata Figueiredo**

Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal

**Carlos Eduardo de Barros Gonçalves**

Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal

**Fernando Renato Cavichioli**

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

## Resumo

O objetivo deste estudo foi analisar o processo de formação de jovens futebolistas sob a perspectiva de técnicos do Brasil e Portugal. Oito técnicos participaram deste estudo, sendo quatro brasileiros e quatro portugueses. Foi utilizada a entrevista semiestruturada, da qual emergiram quatro categorias. O processo de formação de atletas é diferente entre os países. O contexto social e pedagógico no Brasil passa por diversos departamentos específicos antes de chegar ao técnico, por outro lado, em Portugal o técnico tem mais proximidade com as questões sociais que envolvem os atletas. Uma realidade pode aprender com a outra, a fim de que os atletas se desenvolvam não só tecnicamente, mas também desenvolvam outras competências no caso de insucesso no futebol.

**Palavras-chave:** Futebol. Esporte juvenil. Atleta.

## Introdução

O futebol tornou-se um dos esportes mais praticados e um dos que mais movimentam capital no mundo (DAMO, 2008). Na transferência recente do jogador Di María do Manchester United para o Paris Saint Germain (PSG), por exemplo, totalizou-se a movimentação de aproximadamente 179 milhões de euros desde o início da sua carreira<sup>2</sup>.

Conforme Rial (2006), a emigração de jogadores brasileiros para a Europa é a que mais tem impacto simbólico tanto para o continente Europeu como para o Brasil, visto que dificilmente outro assunto tem tanta cobertura da mídia e carrega consigo tanto interesse social como as transferências de jogadores. Em 2015, de acordo com a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), foram registradas 136 transferências de jogadores brasileiros para times por-

---

<sup>1</sup>Esta pesquisa foi financiada pela CAPES.

<sup>2</sup>Disponível em: <<http://www.futeboluropeu.com.br/2015/08/os-10-jogadores-que-mais-movimentaram-dinheiro-em-transacoes-no-futebol.html>>. Acesso em: 26 fev. 2016.

tugueses, o que destaca Portugal como um dos principais destinos para os jogadores brasileiros<sup>3</sup>.

Neymar Jr. (atualmente no Futebol Clube Barcelona) iniciou no esporte com 11 anos na Portuguesa Santista, aos 12 jogou no time de futsal da escola, na qual seu técnico conseguiu uma bolsa de estudos. Em seguida ingressou nas categorias de base do Santos Futebol Clube, e em 2009, com apenas 17 anos, integrou o time profissional<sup>4</sup>. Cristiano Ronaldo iniciou no Futebol Clube Andorinha, com 10 anos foi contratado pelo Nacional (clube da Ilha da Madeira em Portugal), e com 11 anos foi jogar no Sporting Club (Lisboa, Portugal), clube no qual permaneceu até os 18 anos, quando foi atuar pelo Manchester United da Inglaterra<sup>5</sup>.

No começo da carreira, em 2004, Neymar Jr., com apenas 12 anos, recebia aproximadamente 230 euros por mês para jogar nas categorias de base do Santos FC<sup>6</sup>. Cristiano Ronaldo recebia aproximadamente 1.500 euros no Sporting Club<sup>7</sup>. Atualmente, são donos de folhas de pagamentos milionárias e os dois estão entre os jogadores de futebol mais bem pagos do mundo. O valor que se paga aos jogadores profissionais atrai a atenção de jovens e crianças, fazendo-os sonhar em um dia jogar futebol de alto nível.

Mesmo sendo um investimento de risco, visto que menos de 10% dos atletas chegaram a atuar no nível profissional (GROSSMANN; LAMES, 2015), muitas organizações ao redor do mundo investem em centros de treinamento para jovens atletas, buscando desenvolver novos talentos, tentando se ajustar à Teoria da Prática Deliberada. Conforme Ericsson et al. (1993), é necessário um engajamento na prática deliberada desde a infância com o objetivo de melhorar sua performance, visto que quanto maior a quantidade de horas acumuladas, melhor a performance. Embora tal teoria tenha ganhado popularidade, Rees et al. (2016) apontam algumas limitações, como ter sido desenvolvida baseada em músicos e atletas não excepcionais, além de ser muito restrita a ponto de excluir outras atividades não sistematizadas e a “aprendizagem acidental”.

Durante os anos de treinamento e formação, os jogadores necessitam incorporar o principal capital referente a esse campo: o capital futebolístico. Esse capital futebolístico pode ser entendido como a soma de todos os conhecimentos referentes ao futebol (RIAL, 2006) bem como a estratégia de conversão do dom futebolístico em profissão (DAMO, 2005). Dessa forma, o capital futebolístico compreende os conhecimentos corporais, isto é, o uso de técnicas e habilidades aprendidas para desempenho da *performance futebolística*; sociais, visto que ter uma rede de relacionamentos é importante para a ascensão no meio futebolístico; ou econômicos, que implica em saber administrar seus contratos e seus lucros monetários (RIAL, 2006). Por muitas vezes, se enfatiza somente a aquisição deste capital, e se esquece outros capitais necessários na formação do ser humano como um cidadão, como, por exemplo, o capital cultural.

Além disso, dificilmente ex-jogadores conseguem transportar o seu *habitus* futebolístico para outras atividades profissionais (RODRIGUES, 2003). Por exemplo, um atleta que dedicou sua infância inteira ao futebol, deixando a escola em segundo plano, dificilmente terá o conhecimento necessário para arranjar um emprego caso a carreira de jogador venha a fracassar.

<sup>3</sup>Disponível em: <<http://sportv.globo.com/site/programas/redacao-sportv/noticia/2016/02/portugal-e-o-principal-destino-dos-jogadores-brasileiros-segundo-cbf.html>>. Acesso em: 26 fev. 2016.

<sup>4</sup>Disponível em: <<http://www.neymaroficial.com/pt/posts/carreira>>. Acesso em: 26 fev. 2016.

<sup>5</sup>Disponível em: <[http://www.e-biografias.net/cristiano\\_ronaldo/](http://www.e-biografias.net/cristiano_ronaldo/)>. Acesso em: 26 fev. 2016.

<sup>6</sup>Disponível em: <<https://blogdopaulinho.wordpress.com/2016/02/05/na-integra-o-primeiro-contrato-assinado-por-neymar-com-o-santos-aos-12-anos/>>. Acesso em: 27 fev. 2016.

<sup>7</sup>Disponível em: <<http://www.dn.pt/arquivo/2008/interior/ronaldo-pode-ser-o-mais-bem-pago-1002022.html>>. Acesso em: 27 fev. 2016.

Nesse sentido, a responsabilidade social por parte dos clubes é um importante complemento para a formação dos atletas, principalmente no que se refere à oportunidade de estudo (MARQUES; SAMULSKI, 2009), uma vez que em caso de insucesso ou final de carreira, esses indivíduos precisarão de uma “segunda formação”. Nesse sentido, Lupo et al. (2015) demonstraram que há diferenças entre nações para as motivações em manter uma carreira dupla de estudante e atleta, as quais estão fortemente relacionadas ao contexto social dos indivíduos.

Especificamente nesse estudo, a análise do contexto de formação de futebolistas se restringe de forma intencional a análise dos depoimentos de técnicos, levando em consideração que os técnicos desempenham um importante e complexo papel (WERTHNER; TRUDEL, 2006), o que pode incluir ser líder, amigo, professor, administrador, entre outros (CÔTÉ, 2006). Além disso, um bom técnico pode ajudar no processo de formação de atletas de elite (COLLINS; MACNAMARA; MCCARTHY, 2016) através da sua influência em aspectos cognitivos, emocionais e comportamentais dos atletas (SERPA, 1995).

Tendo em vista a quantidade de tempo que se investe na formação de jovens jogadores e a importância de aquisição de outros capitais além do futebolístico, o objetivo do presente estudo foi analisar a formação de jovens futebolistas sob a perspectiva de técnicos de Brasil e Portugal, levando em consideração que conhecimento das diferentes realidades pode contribuir para a melhora no processo de formação de atletas em ambos os contextos.

## Metodologia

Esse estudo tem natureza qualitativa de cunho exploratório (MARCONI; LAKATOS, 2003). Participaram do estudo oito técnicos, sendo quatro brasileiros (TB1, TB2, TB3, TB4) e quatro portugueses (TP1, TP2, TP3, TP4), ambos pertencentes a clubes tradicionais e da primeira divisão em seus respectivos países. Os participantes foram escolhidos de forma não probabilística intencional.

Todos os técnicos possuem formação em Educação Física, com exceção de um técnico português que possui formação em psicologia, mas apresenta o segundo nível de treinadores da União das Federações Europeias de Futebol, mais conhecida como UEFA. Apenas dois destes têm curso de mestrado, sendo um brasileiro e um português. A maioria deles teve experiência como jogador de futebol, mesmo sendo em clubes pequenos. Da mesma forma, em sua carreira de treinador, passaram por clubes menos expressivos até chegarem ao atual clube.

Como instrumento para a coleta de dados foi utilizada a entrevista semiestruturada, visto que esse tipo de entrevista tem questões preestabelecidas, mas permite variações que o pesquisador julgue necessárias. Foi elaborado um roteiro a partir de estudos relacionados ao futebol e categorias de base como Rodrigues (2003), Damo (2005) e Campestrini (2009). Algumas categorias foram preestabelecidas enquanto outras surgiram da análise de conteúdo, por fim, foram agrupadas da seguinte forma: organização dos clubes; a carreira dos atletas: recrutamento, inclusão e exclusão, promoção; a intervenção de “significant others”: família, empresários; formação e papel dos treinadores na perspectiva técnica e de responsabilidade social.

As entrevistas foram realizadas por duas equipes de pesquisadores, uma em Portugal e outra no Brasil. Foram realizadas nos respectivos clubes, através de gravador e câmera, tiveram a duração entre 40-60 minutos e posteriormente foram transcritas na forma “verbatim”. Apesar de haver a interferência do entrevistador, os entrevistados tinham liberdade de ir além do assunto tratado, bem como o direito de se omitir a algum tópico. Por fim, as entrevistas foram devolvidas aos participantes para aprovação do conteúdo relatado. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob nº 03 61 2010.

Para a análise dos dados utilizou-se da análise de conteúdo, a qual é composta de basicamente três fases (BARDIN, 1977): A pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados. Sendo a pré-análise o primeiro contato com o material, contemplando a preparação do mesmo, a elaboração de hipóteses e, também, a categorização da temática. Nessa fase foi realizada a leitura das transcrições das entrevistas, destacando os pontos principais na fala de cada técnico.

A segunda fase consiste na execução das decisões tomadas na fase anterior e também na codificação, entendida como o “processo pelo qual os dados brutos são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exata das características pertinentes do conteúdo” (BARDIN, 1977, p.103). Nessa fase foi realizada a leitura e a codificação das falas nas categorias citadas acima.

Por fim, foi realizado o tratamento dos resultados em que se elabora a síntese e seleção destes a fim de levantar inferências e analisá-los conforme a literatura. Os resultados e sua respectiva análise estão expostos a seguir.

## Resultados e discussão

### Organização dos clubes

O clube brasileiro pertence à primeira divisão nacional e tem mais de 100 anos de existência. A estrutura de formação conta com centro de treinamento composto por oito campos de futebol (além de outros locais obtidos através de parcerias), departamento médico, academia, vestiário, além de uma equipe multidisciplinar composta por psicólogos, pedagogos, nutricionista, administradores e um grande “staff” de apoio, totalizando 53 funcionários envolvidos na formação. O número total de atletas não ultrapassa 200, e mais da metade tem algum tipo de ajuda de custo do clube (alimentação, moradia, entre outros). O investimento anual do clube na formação de atletas gira em torno de um milhão de euros.

O clube português também pertence à primeira divisão, foi fundado há aproximadamente 45 anos. Conta com um centro de treinamento, que foi construído recentemente, composto por dois campos de grama sintética, 12 apartamentos e refeitórios (disponibilizados a partir de 16 anos), além de departamento médico e academia, que diferentemente do clube brasileiro, é compartilhado com a categoria profissional. Os profissionais que trabalham com a formação totalizam 43 pessoas e exercem diferentes funções, inclusive trabalhando simultaneamente na categoria de formação e na profissional. O número total de atletas ultrapassa 240, sendo que mais de 60% paga pela formação. O investimento anual do clube nas categorias de base fica próximo aos 350 mil euros.

O fator pedagógico tem aspectos contrastantes entre as realidades. O clube brasileiro conta com um departamento exclusivo para esse fim, composto por psicóloga, pedagoga e assistente social. Essas profissionais são responsáveis pelo acompanhamento semanal dos atletas, além do encaminhamento para o reforço e conversa com os pais, quando necessário.

Os técnicos reconhecem a importância da escola no processo de aprendizagem dentro do campo, como explicita o TB3:

A escola é muito importante porque daí o atleta já articula melhor, já interpreta melhor o que você fala. Então é excelente você trabalhar com um garoto que tem um nível maior, porque ele vai assimilar melhor o que você ‘tá’ passando para ele, o trabalho fica bem mais fácil. Já o garoto que tem uma dificuldade escolar, vai apresentar uma dificuldade de aprendizado aqui também [...].

Nesse sentido, o TB4 reforça:

Se o atleta não tiver uma conduta na escola que seja parecida com a que ele tem em campo não adianta. Se ele está errando no pouco ele não vai acertar no muito [...].

No entanto, o clube não tem uma postura tão rígida quando o desempenho escolar é insuficiente. São vários os relatos de exigência por notas e comportamento positivo na escola, que na prática não se estabelece. O discurso de formar o atleta como cidadão é presente, mas os interesses por possibilidade de lucros no futuro é a variável que prevalece.

Dessa forma, não foi constatado que atletas tenham sido dispensados por fracasso escolar; a tolerância ao fracasso escolar é um “habitus” incorporado, desde que em campo o atleta apresente alta performance. No clube português, são os próprios técnicos que exercem a função pedagógica, e se as notas escolares não estão aceitáveis, ocorre a dispensa de treinos, e por vezes, até de competições. Como é possível perceber na fala do TP3:

Todo atleta que chegasse ao fim do período e tirasse duas negativas treinava, mas não jogava, e quem tivesse três negativas nem treinava e nem jogava se não levantasse pelo menos uma.

Tal fato é suportado pela fala do TP2:

Já fiquei sem cinco atletas titulares na equipe, obviamente a equipe decresceu, mas foi engraçado ver a preocupação deles em estudar.

A diferença se traduz no “habitus” de cada clube; enquanto no clube português a história da universidade se confunde com a história do time e muitos dos jogadores estão inseridos no meio acadêmico, no clube brasileiro a educação está presente no discurso, mas na prática não é prioridade. Estes resultados vão de encontro aos achados de Melo et al. (2016) que investigaram, em atletas do Rio de Janeiro, o tempo dedicado à escola e o tempo dedicado aos treinos de futebol, e constataram que a prioridade é a formação futebolística em relação à formação global.

Além disso, pode-se perceber através de observações empíricas que no contexto brasileiro a estrutura física é de boa qualidade, e a preocupação do clube e dos técnicos, na prática, se volta para o jogador enquanto mercadoria, seguindo interesses financeiros e destoando do discurso da formação enquanto cidadão. Enquanto a restrita, mas bem organizada estrutura física portuguesa, revela que não há uma preocupação exacerbada com o aspecto financeiro do atleta, em que o discurso de formação do atleta está mais atrelado à realidade e voltada à formação educacional.

### **Carreira dos atletas: recrutamento, inclusão e exclusão, promoção**

O processo de recrutamento tem características distintas nos clubes; no português, esse processo é feito informalmente por observadores não remunerados, conforme destaca o TP1:

Nossos olheiros e observadores, como a instituição não tem tantos recursos, são pessoas que um amigo meu conhece e que me indica, portanto são técnicos de outros clubes, pequenos clubes que todos os finais de semana veem vários jogos e depois nos mandam um relatório. Indicações muito sumárias digamos assim.

Já no clube brasileiro existe um departamento específico para captação de atletas, em que os observadores trabalham, formalmente, com a observação de campeonatos, viajando por todo o Brasil. Quanto às formas de recrutamento, no clube brasileiro é feita através de observações de campeonatos, peneiras, parcerias, indicação de funcionários, além da busca por atletas que se destacam em outro esporte: o futsal (principalmente nas categorias menores).

Por outro lado, no clube português é feita através de observadores informais e está baseada na rede de relacionamentos desses observadores.

Em relação aos critérios, os técnicos brasileiros não abordaram critérios preestabelecidos, apesar de deixar clara a valorização do aspecto maturacional. Por outro lado, os técnicos portugueses afirmam ter critérios que evoluem com cada categoria – por exemplo, a velocidade, técnica, inteligência no jogo –, além da grande valorização de aspectos sociais, como rendimento escolar e informações sobre a família. Tudo isso em consonância com a abordagem holística da carreira de atletas (WYLLEMAN; REINTS; KNOP, 2013), a qual propõe que os atletas são capazes de incorporar outras influências, como as psicossociais e acadêmicas, na sua carreira esportiva. Nessa direção, Côté (1999) constatou o papel crucial da família, em específico dos pais, no desenvolvimento do talento esportivo. Além disso, esse papel muda durante a carreira do atleta; se nos anos iniciais os pais assumem um papel de liderança, incentivando a criança a participar de outros esportes e a tomar gosto pelo esporte, nos anos de especialização esse papel passa a ser de patrocinador, em que envolvem tomadas de decisões importantes, como em qual esporte a criança vai se engajar, além de investimentos monetários e ainda alguns sacrifícios de suas vidas pessoais (CÔTÉ, 1999). Tais achados ressaltam a importância e relevância de critérios sociais para admissão e manutenção do atleta no clube.

No que diz respeito à manutenção e a exclusão, no contexto brasileiro alguns dos critérios são o nível de maturação de atletas (solicitando exames quando necessário, por exemplo, o raio-x do pulso para verificar idade óssea), nível técnico e local de moradia. No contexto português, os critérios são mais globais e envolvem aspectos físicos, táticos, técnicos, psicológicos, mas, sobretudo, sociais. Embora tenham critérios definidos, em ambos os clubes a avaliação para permanência ou exclusão são feitos de forma subjetiva. Em nenhum dos países é legalmente permitido manter atletas menores de 14 anos, visto que a FIFA regulamenta que o primeiro contrato só pode ser assinado aos 16 anos. Porém, percebe-se no discurso dos técnicos brasileiros que há uma atenção especial para o atleta “fora de série” menor de 14 anos que não mora onde o clube se localiza, ou seja, o clube usa de estratégias para aproximar a família e o atleta do clube, que pode envolver, quando necessário, trazer a família para a cidade de treinamento, a fim de criar uma identidade com a instituição.

A gente tem um encaminhamento um pouco diferente, mais direcionados a esses atletas de 12, 13 e 14 anos que são diferentes, que a gente chama de gênio motor. Esses gênios motores, a gente procura estar trabalhando com ele até os 16 anos, o melhor caminho é trazê-lo para dentro do clube, não que ele se aloje aqui. Mas é fazer com que o pai faça parte, que a família faça parte do processo, e temos a incumbência de encaminhar ou de acompanhar esse atleta, até a primeira assinatura do contrato profissional (TB1).

Esse procedimento, no clube brasileiro, pode ser observado com pelo menos sete jogadores, isto é, o atleta não mora no clube, mas pessoas da família passam a ter uma relação de trabalho com o clube (porteiros, motoristas, empregos esporádicos em dias de jogos, entre outros afazeres). Em ambos os contextos, os responsáveis por informar os pais e atletas da exclusão são os técnicos, tentando sempre ter uma conversa sincera e direta, motivando o atleta a procurar outros clubes e continuar no esporte.

Se o atleta não serve aqui para o clube, pode servir para outro[...] Então eu procuro ser muito leal com esse processo (TB1).  
Sempre tento motivá-los a acreditar neles, trabalhar para melhorar sempre, mas nem todos podem ficar aqui (TP4).

A grande diferença encontrada no discurso dos técnicos reside no momento “pós-exclusão”, enquanto os técnicos portugueses trabalham com o sistema de parcerias, indicando

os atletas excluídos para outros clubes, o mesmo processo parece não existir com a maioria dos técnicos brasileiros, que por muitas vezes possuem capital social e simbólico para tal, têm receio de “manchar o seu nome” com um atleta “sem potencial”, como pode ser observado na fala do TB4:

Eu prefiro não interferir, as vezes a gente conversa com a coordenação se existe a possibilidade de indicar para um clube menor, mas é raro [...]. De repente eu acho o atleta um grande talento, mas outro treinador não, então eu me seguro.

### **Intervenção de *significant others*: família e empresários**

A relação com a família difere principalmente na proximidade. No contexto português, o contato com os pais é muito mais direto, inclusive os técnicos solicitam ajuda aos pais para eventos, jogos e durante os campeonatos.

O que peço e acho importantíssimo é que os pais apoiem seus filhos, lhe deem condições. Ajudem quando for preciso levar aos jogos, isso é importante (TP3).

Dessa forma, integrantes da família podem ser solicitados para ajudar durante o treinamento, locomoção das equipes, organização dos encontros sociais. Enquanto que no clube brasileiro esta relação é terceirizada e assuntos como o desempenho acadêmico só chegam ao técnico brasileiro se for um problema muito sério.

Aqui no clube temos pedagoga, psicóloga e assistente social. Então, elas acompanham o atleta semanalmente, quando o atleta “realmente” tem algum problema, aí traz ‘pra’ mim. (TB4).

Ambos os técnicos ressaltaram a importância de ter um suporte para suprir a carência da família, no entanto, o discurso do TP1 demonstrou uma maior preocupação:

O clube precisa ter logo um departamento psicopedagógico. Nós temos um ‘part time’, mas gostaria que funcionasse ‘full time’. É questionável, mas na minha opinião se quiséssemos atletas mais jovens, deveríamos ter famílias de acolhimento.

Nesse sentido, Kay e Spaaij (2011) ressaltam a importância do suporte familiar para a melhora do desenvolvimento dos atletas.

A relação com terceiros se traduz na figura do empresário. Embora em nenhum dos dois países seja legalmente permitido ter contrato antes dos 16 anos, no Brasil ele se configura como uma peça importante no recrutamento dos atletas,

pois se o clube não tem a porta aberta aos empresários, não consegue ter a captação de bons jogadores (TB3).

Dessa forma, os técnicos brasileiros têm uma relação puramente profissional com os empresários, buscando satisfazer o interesse de ambos. Já em Portugal, a figura do empresário se encontra em uma fase embrionária. Essa diferença pode ser explicada, em parte, pelas dimensões geográficas dos países. Enquanto em Portugal, um país de menor extensão, o trabalho de identificação de bons jogadores pode ser feito pelos próprios técnicos, uma vez que os próprios campeonatos possibilitam essa “vitrine” de jogadores, no Brasil, o clube não dá conta de observar todas as regiões do país e tem a necessidade de recorrer a um terceiro.

Essa abertura do clube foi facilitada internacionalmente pelo Caso Bosman, decisão tomada em 1995 pelo Tribunal Europeu de Justiça, que permitia aos jogadores europeus a

liberdade de vínculo com o clube ao fim do contrato, ou seja, o jogador poderia ingressar em outro clube da União Europeia sem qualquer custo ou prestação de contas.

No Brasil esse caso inspirou o Decreto-lei nº 9.615/03/1998, conhecido como a Lei Pelé, que revogou a Lei 6.354/76, determinando o “fim do passe”, isto é, o jogador não estava mais “preso” de forma jurídica ao clube. Se por um lado a Lei Pelé deu maior liberdade de escolha aos jogadores, por outro não lhe assegura nenhuma garantia que a longo prazo terá um clube para jogar. Entre os impactos causados pela lei, o que merece destaque é a maior atuação dos empresários no cenário do futebol. Se antes o jogador ficava anos e anos no mesmo clube, agora ele tem o direito de escolher o lugar em que gostaria de jogar e quanto tempo permanecerá lá; por consequência, quem passa a participar dessa intermediação entre jogador e clube é a figura do empresário.

O fim da lei do passe também trouxe alguns impactos no continente europeu, como, por exemplo, o crescimento da mobilidade espacial de jogadores na Europa, concentração de poder nos clubes mais ricos, crescimento dos salários de grandes jogadores (GIULIANOTTI, 2002). Pode-se citar a questão do clube Português, o Porto, que a partir dessa nova configuração se tornou um grande responsável de vendas de jogadores sul-americanos, pois compra jogadores de pouca expressão e depois de um tempo de desenvolvimento no clube, vende para clubes europeus com grande capacidade de pagar milhões de euros.

Ao se tratar da remuneração, da mesma forma é ilegal o recebimento de salário antes dos 16 anos. No entanto, os atletas recebem bolsas e auxílios financeiros, dos quais, na maioria das vezes, os técnicos não têm conhecimento do valor. A diferença aqui reside na quantidade recebida, que é maior no contexto brasileiro. O clube pesquisado apresenta várias formas de captação dos atletas: emprego para os familiares, moradia, contratos com fornecedoras de material esportivo; tudo depende da relação projetada pela instituição com os futuros lucros que o atleta possa proporcionar. Da mesma forma, ao completar 16 anos, os contratos podem atingir valores muito maiores do que no contexto português, o qual assume uma postura mais conservadora/amadora. Além disso, nas idades iniciais os atletas portugueses pagam mensalmente para estar no clube, mesmo tendo sido selecionados, pois os clubes, como qualquer entidade que trabalha com os adolescentes, são instituições de caráter formador; sendo assim, deve-se pagar por uma formação. Diferentemente do modelo brasileiro de futebol de base, que é semelhante ao profissional, o clube é o responsável por subsidiar os atletas. Em Portugal, o processo de semelhança com as categorias profissionais demora muito mais para se estabelecer.

### **Formação e papel dos treinadores na perspectiva técnica e de responsabilidade social**

No contexto brasileiro, o técnico tem sua profissão exclusivamente relacionada ao esporte e desempenha apenas o papel de treinador em sua respectiva categoria, tendo como exigência para atuação profissional a graduação em Educação Física. Enquanto no clube português a carreira de técnico é uma carreira secundária, a qual exige, minimamente, ter o curso de treinador da UEFA, da mesma forma que em outros países europeus. Além disso, os técnicos portugueses assumem cargos administrativos, como por exemplo, a coordenação das categorias de base.

Em ambos os contextos parece existir uma preocupação com a atualização do profissional, no entanto, conforme o TP4:

[..] o clube poderia fazer isso de forma mais visível e mais forte.

Para os técnicos brasileiros, a procura por atualização deve partir do profissional e não do clube, embora a instituição promova palestras regularmente e os profissionais participem

de cursos quando é possível. Além disso, a principal forma de atualização consiste na troca de informação entre os técnicos de diferentes categorias, que tentam se aproximar da comissão técnica do time profissional. A realidade brasileira é bem representada nas falas dos técnicos:

Eu acredito que o profissional tem que estar sempre se atualizando, então acho que essa preocupação tem que partir primeiro do profissional (TB3).

A atualização profissional, quando é possível fazer, que coincide com a folga das competições, é ótimo. Aí dá 'pra' levar o treinador ou preparador físico para fazer os cursos. Mas no decorrer da competição que não tem tempo de sair, é entre os treinadores. Existe muito a integração entre as categorias de base mesmo, a própria troca de conhecimento dos treinadores (TB4).

Na medida do possível, a gente está sempre participando de eventos, congressos técnicos. E até em questão a essa união que há da base com o profissional, é um grande aprendizado para os profissionais da base (TB2).

Por sua vez, os técnicos portugueses reforçam a necessidade por melhorias na sua formação e atualização, principalmente no campo social:

Acho que precisamos melhorar a formação dos treinadores, a formação de treinadores deve seguir na área social. Hoje em dia ninguém pode dissociar da área social, passa por lutar pelas coisas, não é só futebol [...] (TP4).

Enquanto no Brasil há departamento especializado para as questões sociais (pedagogas, psicólogos, assistentes sociais), o técnico em Portugal acaba assimilando e dividindo com os coordenadores muitas vezes esse papel.

A troca de informações entre os técnicos é importante, mas deve ser somada ao conhecimento teórico, a fim de suprir a discrepância entre teoria e prática (GALVIN, 1998). Assim, mesmo que os técnicos brasileiros se dediquem com mais exclusividade ao papel de treinador, o aspecto chave parece ter sido identificado pelos técnicos portugueses: a formação no aspecto social. Levando em consideração a complexidade e dinamicidade da relação técnico-atleta (JONES; WALLACE, 2005) e o poder de influência dos técnicos sobre seus atletas (SMITH et al., 2016), é primordial que o técnico saiba como se relacionar com seus atletas para poder trabalhar em outros aspectos, como físicos, técnicos e táticos.

A importância do treinador na educação e na formação do atleta-cidadão é bem definida em ambos os clubes, principalmente nas categorias menores. A grande diferença se encontra nos objetivos dos clubes; no clube português, a formação de jogadores tem um caráter que oscila muito mais para educacional, em que o lado mercadológico está em segundo, e talvez até, terceiro plano, visto que a venda de jogadores não supera o custo da formação. Conforme o TP3, para o clube assumir a postura de formar jogadores para o mercado, seriam necessárias melhores condições de trabalho, além de profissionais mais qualificados. Já no contexto brasileiro, existe essa preocupação da produção de “pés-de-obra” (DAMO, 2005) para o mercado, e a formação educacional e social é delegada às profissionais, como a assistente social e a pedagoga, que realizam ações sociais para a formação dos atletas, como palestras, visitas a orfanatos e asilos, cuidam do aspecto escolar, entram em contato com a família e em muitos casos se envolvem nos problemas familiares, enfim, nada pode afetar o desempenho de um futuro atleta.

Em ambos os contextos, é consenso que a fase mais difícil para os jogadores é a passagem para o profissional, pois é ali que ocorre o que os técnicos chamam de “grande corte”, e muitos acabam sendo dispensados e largando a carreira futebolística. É nesse episódio em que se identifica a importância de ter agregado outros capitais nesse processo. E é essa visão que parece ser mais compreendida e melhor executada no contexto português quando comparada ao contexto brasileiro.

## Considerações finais

É bastante claro que há uma preocupação com a formação de jovens futebolistas além das quatro linhas em ambos os contextos. Os técnicos são unânimes em afirmar a importância da formação global do atleta e a necessidade de infraestrutura que suporte esta formação, e ainda exaltam sua importância no processo de formação do atleta-cidadão. As diferenças entre a formação “a brasileira” e a formação “a portuguesa” resulta das características singulares de cada país. Exemplo disto é a própria profissão de técnico, que acaba sendo uma carreira secundária em Portugal, além disso, a própria carreira de atleta deixa de ser prioridade, enaltecendo a formação enquanto cidadão. Ademais, aspectos pedagógicos parecem ter um peso maior no contexto português, em contrapartida, o agente tem maior influência no contexto brasileiro.

Portanto, mesmo que a preocupação com a formação extracampo seja visível, o discurso português parece ser mais coerente e mais palpável no que diz respeito à responsabilidade social, quando comparado com o brasileiro. Se por um lado o português precisa “aprender” a formar os chamados “pés-de-obra” em maior escala como os brasileiros, estes realmente podem melhorar suas ações para que os atletas adquiram outras formas de capitais, além do futebolístico. Dessa forma, sugerem-se ações que favoreçam o intercâmbio de modelos de formação de atletas de outros países, como Portugal, que valoriza de forma mais organizada outros capitais, o que poderia influenciar a constituição de um novo “habitus” futebolístico no Brasil, impactando primeiramente a base e futuramente o nível profissional.

### THE FORMATION PROCESS OF YOUNG SOCCER PLAYERS BEYOND THE FOUR LINES: AN ANALYSIS FROM THE PERSPECTIVE OF COACHES FROM BRAZIL AND PORTUGAL

#### Abstract

The aim of the present study was to analyse the process of training of young soccer players under the perspective of coaches from Brazil and Portugal. Eight coaches took part in the study, being four Brazilian and four Portuguese. A semi-structured interview was used to generate data, from which four categories emerged. The process of training athletes is different in each country. The social and pedagogical context in Brazil goes through diverse departments before coming to the coach; on the other hand, in Portugal the coach is closer to the social factors involving their athletes. Both realities can learn with each other, so that athletes can develop not only technically, but also develop other skills in case of failure in soccer.

**Keywords:** Soccer. Youth sport. Athletes.

### LA FORMACIÓN DE JÓVENES FÚTBOLISTAS MÁS ALLÁ DE LAS CUATRO LÍNEAS: UN ANÁLISIS DESDE LA PERSPECTIVA DE LOS TÉCNICOS DE BRASIL Y PORTUGAL

#### Resumen

El objetivo de este estudio fue analizar el proceso de formación de jóvenes futbolistas desde la perspectiva de técnicos de Brasil y de Portugal. Ocho técnicos participaron en este estudio, cuatro brasileños y cuatro portugueses. Se utilizó una entrevista semiestructurada y, a partir de esa entrevista, surgieron cuatro categorías. El proceso de formación de atletas es diferente entre países. El contexto social y educativo en Brasil pasa por varios departamentos específicos antes de llegar al técnico. Por el contrario, en Portugal el entrenador tiene más proximidad

con las cuestiones sociales que envuelven a los atletas. Una realidad puede aprender con la otra, con el objetivo de que los atletas se desarrollen no apenas técnicamente, sino también que desarrollen otras habilidades en el caso de que no obtengan suceso en el fútbol.

**Palabras clave:** Fútbol. Deporte juvenil. Atletas.

## Referências

BARDIN, L. **Análise de Contéudo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CAMPESTRINI, G. R. H. **A responsabilidade social na formação de praticantes para o futebol: análise do processo de formação em clubes brasileiros**. 2009. 297f. Dissertação (Mestrado em Gestão de Desporto) - Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2009.

COLLINS, D.; MACNAMARA, Á.; MCCARTHY, N. Super champions, champions, and almos: Important differences and commonalities on the rocky road. **Frontiers in Psychology**, v. 6, p. 1-11, jan. 2016.

CÔTÉ, J. The influence of the family in the development of talent in sport. **The Sport Psychologist**, v. 13, p. 395-417, 1999.

CÔTÉ, J. The Development of Coaching Knowledge. **International Journal of Sports Science and Coaching**, v. 1, n. 3, p. 217-222, 2006.

DAMO, A. S. **DO DOM À PROFFISÃO: UMA ETNOGRAFIA DO FUTEBOL ESPETÁCULO A PARTIR DA FORMAÇÃO DE JOGADORES NO BRASIL E NA FRANÇA**. 2005. 435f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DAMO, A. S. Dom, amor e dinheiro no futebol de espetáculo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 23, n. 66, p. 139-209, 2008.

ERICSSON, K. A. K.; et al. The Role of Deliberate Practice in the Acquisition of Expert Performance. **Psychological Review**, v. 100, n. 3, p. 363-406, 1993.

GALVIN, B. **A guide to mentoring sports coaches**. Leeds, Inglaterra: National Coaching Foundation, 1998.

GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GROSSMANN, B.; LAMES, M. From Talent to Professional Football - Youthism in German Football. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 10, n. 6, p. 1103-1113, 2015.

JONES, R. L.; WALLACE, M. Another bad day at the training ground: Coping with ambiguity in the coaching context. **Sport, Education and Society**, v. 10, n. 1, p. 119-134, 2005.

KAY, T.; SPAAIJ, R. The mediating effects of family on sport in international development contexts. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 47, p. 77-94, 2011.

LUPO, C.; et al. Motivation towards dual career of European student-athletes. **European Journal of Sport Science**, v. 15, n. 2, p. 151-160, 2015.

MARCONI, M. DE A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARQUES, M. P.; SAMULSKI, D. M. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. **Revista Brasileira Física Esporte**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 103-119, 2009.

MELO, L. B. S. de. et al. Jornada escolar versus tempo de treinamento: a profissionalização no futebol e a formação na escola básica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Paulo, v. 38, n. 4, p. 400-406, 2016.

REES, T.; et al. The Great British Medalists Project: A Review of Current Knowledge on the Development of the World's Best Sporting Talent. **Sports Medicine**, v. 46, n. 4, p. 1-18, 2016.

RIAL, C. Jogadores brasileiros na Espanha: emigrantes porém... **Revista de Dialectología y Tradiciones Populares**, v. 61, n. 2, p. 163-190, 2006.

RODRIGUES, F. X. F. **A Formação Do Jogador De Futebol No Sport Club Internacional (1997-2002)**. 2003. 200 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia)- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

SERPA, S. RELATIONSHIP COACH-ATHLETE: Outstanding Trends in European Research. **Portuguese Journal of Human Performance Studies**, v. 12, p. 7-19, 1995.

SMITH, N.; et al. The relationship between observed and perceived assessments of the coach-created motivational environment and links to athlete motivation. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 23, p. 51-63, maio 2016.

WERTHNER, P.; TRUDEL, P. A new theoretical perspective for understanding how coaches learn to coach. **Sport Psychologist**, v. 20, p. 198-212, 2006.

WYLLEMAN, P.; REINTS, A.; KNOP, P. A developmental and holistic perspective on athletic career development. **Managing high performance sport**, London, p.159-182, 2013.

.....

Recebido em: 02/06/2016

Revisado em: 01/12/2016

Aprovado em: 25/01/2017

Endereço para correspondência:

[thay\\_szeremeta@yahoo.com](mailto:thay_szeremeta@yahoo.com)

Thaynara do Prado Szeremeta

Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Biológicas, Departamento de Educação Física.

Rua Coração de Maria, 92

Jardim Botânico

80270-315 - Curitiba, PR - Brasil